

TSUKASA UETSUKA VISITA A AMAZÔNIA

Kenedi Azevedo¹

O mundo nos prega muitas surpresas, meu filho, e a vida é caixa de pandora que se abre nos momentos inoportunos, quando já não nos damos conta do quão rápido é nossa passagem por este universo. Fique no quarto do seu avô por um tempo. Descanse. Essa é a voz rouca da minha mãe, aconselhando-me sobre a peça trágica que, afinal, é a vida. Já estou no quarto que era do meu avô, enterrado ontem, após viver conosco seus noventa e cinco anos de vitalidade.

Desde muito jovem acostumei-me a acompanhar seus devaneios, seus instantes de filosofia, seu amor pela cultura helênica e as histórias de sua infância. Adorava sentar-se num tamborete feito de cedro e ruminar ante seus netos aventuras vivenciadas neste beiradão ou experiências que seu pai lhe contava nas madrugadas, quando iam para a pesca. Um dia escreverei um livro com todas essas anedotas, dizia ele já com a voz embargada pela fumaça do cigarro. Antes de dormir eternamente, me entregou uma pasta com os seguintes dizeres: “Rascunhos para meu livro de contos”.

Haviam ali, grampeadas separadamente, pequenas histórias que tinham como espaço a floresta ou o rio. “A segunda volta de Orellana”, “O diário de Carvajal”, “Vargas na Amazônia”, “O casamento das Amazonas”, esses eram alguns dos títulos dentre os quase vinte relatos. No entanto, apenas o intitulado “A vila oriental na Amazônia” chamou-me mais atenção. Começo a lê-lo e, imediatamente, divago nas palavras grafadas pelas mãos do meu avô. Ouço-o ainda sentado a narrar cada episódio como se fosse agora.

O Shinano deságua no Amazonas, o passado no presente, e o tempo na memória [...]. Um vento frio, quase oriental, transporta-se por entre os casarios da Vila Amazônia. Percorre as ruínas de uma história marcada pelo sucesso repentino e pelo fracasso causado por uma tragédia mundial. Dispõe-se a varrer os vestígios das lápides quase apagadas daqueles que aportaram por aqui em um período de renovação e construção. Homens e mulheres decididos a desbravarem a inóspita floresta e a singrarem o imperioso rio, no anseio do mais puro dos sonhos ao saírem do país natal, com juras de não mais retornarem [...].

Nessa atmosfera, no meio da madrugada, quando a lua furiosamente insiste em permanecer a pino no céu, desce do navio ancorado no meio do rio um homem conduzido por

¹ Graduação em Letras – Língua Portuguesa Pela Universidade Federal do Amazonas. Mestrado em Letras – Literatura Portuguesa Pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autor do livro *Signos de um memorial*.

um pequeno bote ao barranco, ainda lavado pela chuva fraca de ontem à noite. O olhar taciturno, de uma introspecção singela, os óculos de muitos graus, o modesto bigode e os fios brancos insistentes nos cabelos super penteados, logo denunciam a idade avançada.

Completa a imagem desse senhor de postura irretocável, a camisa branca sobreposta por um paletó escuro, gravata borboleta de um azul encardido pelo tempo, além de uma medalha ao pescoço e duas condecorações presas ao peito. A calça social preta termina dentro da bota de couro na mesma cor, com detalhes metálicos na ponta e nos lados. Trata-se de Tsukasa Uetsuka.

Ao contemplar a antiga Vila Batista, o deputado, apenas em seu pensamento do não ser, com a mesma ambição de antes, relembra da desistência dos dois empresários japoneses – acovardados pelo paraíso dos primeiros viajantes, assustados com a selva de Ferreira de Castro, atemorizados com o inferno verde de Alberto Rangel, desistirem desse que seria o marco na economia amazonense – e sua atuação junto ao invejoso Ephigênio Salles. Rememora a reunião no gabinete de Getúlio Vargas, o mesmo que causará grande dor aos seus conterrâneos. E finalmente o lançamento da pedra fundamental e hasteamento do pavilhão brasileiro e japonês no lugar onde viveriam os sonhadores, esperançosos e valentes koutakuseis.

Esta será sua última parada ao longo do rio; por haver passado pelas cidades de Belém e Tomé-Açu, Manaus e Parintins, assim nessa ordem, preferiu visitar as terras que estrategicamente comprou para a execução do visionário projeto [...]. Sobe a rua principal do vilarejo, agora asfaltado, com energia elétrica, água encanada, sujo, é verdade, no entanto, nada lembra o local precário que era ao chegarem por estas bandas as primeiras famílias de imigrantes.

Ali, naquela ponta de terra firme, banhada de um lado pela letargia das águas do Paraná do Ramos e de outro pelo arrogante Rio Amazonas, essas gentes nipônicas prosperaram, viram o sol de sua bandeira brilhar. Após anos se preparando trouxeram para cá, as mais modernas técnicas agrícolas, as inovações tecnológicas, assim, cada família com suas especificidades [...].

O solitário passeio de Tsukasa Uetsuka continua por pontos cujos espaços serviram para o levantamento do hospital, da escola, dos comércios, do centro cultural, agora em ruínas e, ali mais a frente, das casas dos recém chegados viajantes. No local onde poderia ter sido o templo religioso está um senhor à moda oriental, sentado em um tronco de árvore observando atentamente a lua em sua romântica guinada rumo à mata antes virgem. Uetsuka discretamente inclina a cabeça para frente, cumprimentando o ancião que, ato contínuo, se curva solenemente numa postura tímida efetuando o ojigi.

O deputado pergunta ao senhor Hara onde fora construída a casa de atendimento do seu amigo Dr. Toda. Ambos caminham para o possível local, agora entrecortado por cipós, tiriricas cortantes, urtigas ardentes, tudo mato, toda mata, tudo mata. Hara rememora o período que Dr. Toda se tornou um dos profissionais mais requisitados da região, principalmente de Santarém, Óbidos, Juruti, Nhamundá, Barreirinha, além das comunidades circunvizinhas.

A Vila está deserta, dorme, e em poucas horas despertará, é verdade, por isso mesmo os dois aproveitam para irem ao antigo cemitério, lugar de repouso daqueles que cultivaram este torrão, sofreram com o clima, adoeceram com as agruras da floresta e foram esquecidos pela madrasta e omissa história. A conversa com Hara fora intensa, tanto quanto o diálogo com Ryota Oyama, o pai da juta, quando estiveram juntos ontem em Parintins, ao lembrarem a explosão econômica advinda com a plantação da *corchorus capsularis* na localidade – região que antes vivera o rico período do ouro branco da Amazônia.

O senhor Hara se despede de Uetsuka e segue com um relicário nas mãos rumo à sombra formada pelo pau d'arco morto que teima em permanecer de pé. Antes de a aurora pintar o céu, o ilustre deputado, de volta ao Kasato Maru, vê uma canoa atracar no barranco trazendo uma mulher com aparente cansaço, lembra a viúva que morou nestes sítios antes da vila tornar-se Vila. Pisando firme no chão, olhar enigmático, carrega consigo toda a força das gentes amazônidas. Lança um sinal de consentimento feito com a cabeça e se dirige ao homem visitante, que a aguarda para uma ligeira troca de recordações.

Ela não sabe, mas sua neta tornar-se-ia freguesa fiel dos Toguchi, família que encravara raízes ao pé da Serra de Parintins, prosperando e fazendo-se grandes comerciantes. A mulher fala do valor pífio que o coronel lhe repassou pelas terras, além do argumento convincente e quase ameaçador daquele senhor Batista. Uetsuka ouve atentamente cada palavra da viúva e tenta, em vão, convencê-la do propósito do projeto, da construção do instituto de agronomia, que resta apenas no espaço fragmentado de sua memória, já que muitas casas foram construídas, destruídas, reformadas, no local onde fora o prédio.

A viúva, descontente, aperta a mão do deputado e segue em direção à igreja matriz; enquanto isso, o homem vai para a beira do rio onde o bote o aguarda para levá-lo de volta ao navio. O Kasato Maru, escolhido a dedo por Tsukasa Uetsuka para essa viagem, carrega a bordo muitas histórias, é testemunha dos muitos namorados que, observadores da grandeza do oceano, se viram diante de um país continental [...].

Antes de o navio levantar âncora, o viajante deputado olha para a vila rebrilhando no meio da neblina, esperando justiça para com aqueles que ali jazem. Ele lembra, como se fosse hoje, a notícia do ataque japonês à base americana, o início de um problema para aquelas

famílias que lavavam a juta ali, logo ali à frente. O mesmo Getúlio que o recebera para uma reunião em sua sala, fora o Getúlio que o declarou inimigo atingindo, assim, todos os imigrantes instalados, quase aculturados, na região.

Muitos dos quais, nem precisa tanto esforço para recordar, se embrenharam na floresta, com receio da prisão arbitrária, de um lado do governo, de outro lado dos próprios nativos, que os olhavam com olhar de desconfiança. Como poderá esquecer-se daqueles levados prisioneiros para Tomé-Açu, muitas das vezes chicoteados pelos soldados inquietos. Quanta luta, quanta vontade, quanto sonho, quanta verdade em vão.

O plano estratégico do deputado fora atingido pelo olhar recriminador dos ribeirinhos, morto pela guerra, enterrado com Vargas, e quase apagado pelo malvado leilão do tempo. Mas a memória, não deixaria essas aventuras enterradas nas camadas de asfalto e cimento que é, hoje, a Vila Amazônia.

E, por tudo isso, Tsukasa Uetsuka, retorna, e aponta de longe, já com o sol nascente, a imagem de todo koutakusei, cada um em seu serviço, a dar adeus: uns ainda insistem em formar os fardos de juta, estes colhem os grãos de pimenta-do-reino, aqueles aram a terra para a plantação de hortaliças e os jovens mais acima, próximos da escola que hoje leva seu nome, estão preparados para as aulas de agronomia.

Todos ficarão, assim como Uetsuka, o Kasato Maru, o senhor Hara, em um instante de imaginação. Saudoso, o deputado levanta o braço acenando para os que ficam e, num jogo lúdico do ser versus não ser, fixa os olhos no sol que surge no horizonte formado pelo rio e pela escura mata; e fala de si para si: “o sol nascente, morre no ocidente; o Shigano desfalece no Amazonas e eu mergulho na saudade”.

Vou digitalizar esse conto inacabado e, quem sabe, posteriormente enviá-lo a algum periódico sobre cultura japonesa. Ou, talvez, fazer a vontade de meu avô e publicá-lo junto das outras narrativas em formato de livro. Farei alguns ajustes, claro está. Confirmarei as fontes. Preencherei os vazios deixados. E pronto. Assim, estaria fazendo justiça ao meu avô e à memória dos japoneses na nossa Vila.